

SANDRA SOLEYE MEDEIROS EPEGA

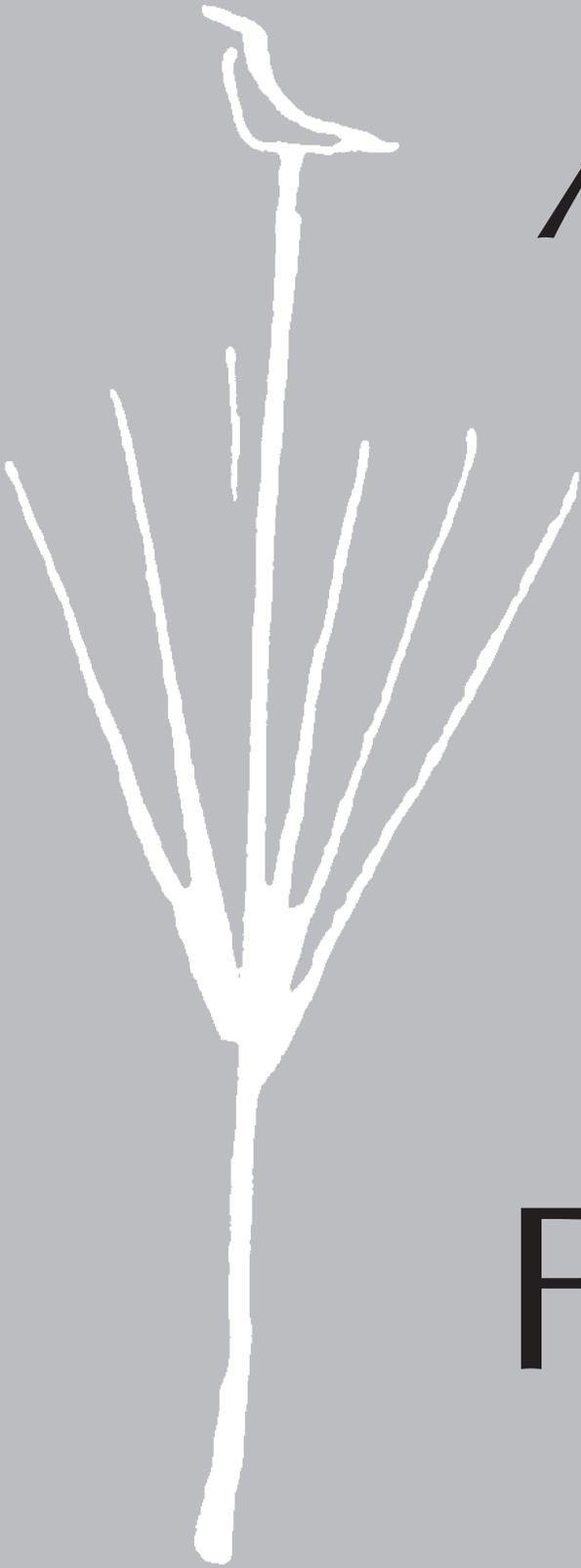
*Awon*

*Ewé*

*Njé*

Folhas

Funcionam



**N**ascido francês, viveu africano e morreu brasileiro. Este é Pierre Verger, o *Fatumbi* (1) *Ojuoba* (2) por ordem de *Sàngó* e artes de Mãe Senhora, do *Ase Opo Afonja* (3). A mando de *Òrúnmílá*, *Bàbáláwo*, Pai do Segredo, Sacerdote *Ifá* (4), Intérprete do Oráculo Sagrado dos *Yorùbá*.

Mestre de incontáveis discípulos, fotógrafo, escritor, pesquisador, deixa livros, ensaios, artigos, todo um mar de sabedoria e pesquisa, que em seus 93 anos de vida não conseguiu atravessar. Navegou entre Brasil e África a partir de 1948, e neste 1996 volta em definitivo para lá. Vai morar com *Sàngó* e *Òrúnmílá*, no *Orún* (5) ancestral.

Quando, em 1981, Verger deu à luz *Orixás*, um clássico, livro de cabeceira de inúmeros pais e mães-de-santo de umbanda e de candomblé, foi-lhe cobrado, durante alguns anos, uma complementação que tivesse uma abordagem mais simples e que falasse dos *Òrìsà* e de suas vidas, situando-os no cotidiano do povo do *Ase* (6).

E surgiu então *Lendas Africanas dos Orixás*, em 1985, ilustrado por Carybé, onde os *Itan Ifá* (7) são relatados de forma poética e agradável, transformando *Ogún* e *Sàngó*, *Oya* e *Olokun*, *Òsun* e *Obàtálá* (8) em seres quase humanos, vivenciando amores e guerras, brigas e humores, filhos e reinos.

Em 1995, alguns anos e alguns livros e artigos depois (*Fluxo e refluxo*, *Iya mi aje*) (9), volta Verger a nos brindar com *Ewé* – *O Uso das Plantas na Sociedade Iorubá*.

E, antes de podermos absorver o livro, curtir a publicação, aprender o ensinamento, eis que embarca para o *Orún* o *Fatumbi*. Decerto para tirar algumas dúvidas com *Òrúnmílá* e com *Osanyin* (10).

Oh! *Fatumbi*, vá e volte. E volte gordo, volte sadio, volte de um seu discípulo, de um seguidor, de um admirador, e volte sábio e paciente, volte para novamente ter vida longa. Volte para ter família e deixar descendência, volte para ser feliz e realizar. *Oju Oba*. Vá e volte! (11).

Está o povo órfão, sem maiores explicações para seu último presente, o livro *Ewé* (12).

E ficam perguntas: Dentre os escritores do *Ase*, quem será seu continuador? Carlos Eugênio Marcondes Moura, seu tradutor em alguns artigos, amigo fraterno, discípulo dileto? Marco Aurélio Luz, como ele do *Ase Opo Afonja*, *Osi Oju Oba* por ordem de *Sàngó*? José Flávio Pessoa de Barros, para dar continuidade a seus escritos de plantas? *Babalosayin* (13) competente, sua tese de mestrado já era livro disputado anos antes da publicação, via xerox.

Não surge esta inquietação por julgarmos que Rei morto, Rei posto! São as dúvidas, são as perguntas, são as ansiedades, que sua morte logo após o lançamento de *Ewé* deixam nos seus discípulos abandonados, em todo o povo *Yorùbá* – descendente, físico ou mítico.

Nos perguntamos, depois de ler as 762 páginas e mais as capas, contra-capas e orelhas, e de uma assentada só: A quem foi dirigido o livro? Qual seu público alvo? *Botânicos*? Estariam eles interessados em fórmulas mágicas e primitivas, utilizariam um dia o poder da palavra *yorùbá*? Sociólogos, Antro-

**SANDRA SOLEYE MEDEIROS EPEGA** é *Iyalòrìsà* do Ile Leuiwyato, templo de culto a *Sàngó* em Guararema, São Paulo.

*Ewé, o Uso das Plantas na Sociedade Iorubá*, de Pierre Fatumbi Verger, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

1 *Fatumbi*: aquele que renasceu por arte de *Ifá*, língua *Yorùbá*.

2 *Ojú Oba*: os olhos do Rei – *Sàngó* – *Òrìsà* do raio e do trovão, do fogo e da justiça.

3 Maria Bibiana do Espírito Santo – Mãe Senhora – *Osunmiwa*, falecida em 1967, *Iyalòrìsà* do Ile Ase Opo Afonja, antigo templo de culto ao *Òrìsà* (Deus) *Sàngó* em Salvador, BA.

4 *Òrúnmílá*: *Òrìsà* do destino e da adivinhação. *Bàbáláwo*: cargo da hierarquia sacerdotal de *Òrúnmílá*. *Ifá*: nome dado ao sistema de adivinhação – oráculo.

5 *Orún*: mundo paralelo, terceira dimensão que nos rodeia, onde moram *Òrìsà* e ancestrais.

6 *Ase*: força, poder. Chamam-se Povo do *Ase* aqueles que, nas religiões umbanda, candomblé keto ou tradição de *Òrìsà*, cultuam os *Òrìsà*, deuses da Natureza que compõem o Panteão Sagrado *Yorùbá*.

7 Poesia sacra que compõe o Oráculo *Ifá*.



*Babalaô joga os búzios, pelo sistema de adivinhação de Ifá — a ilustração é de Carybé*

pólogos, Etnólogos, doutores, professores, pesquisadores ?

*Ewé* é um livro que traz o sagrado, a tradução das palavras de *Ifá*, o conteúdo dos *Odú Ifá* (14), suas receitas medicinais ou mágicas para o cotidiano do brasileiro, do acadêmico, do homem comum, mas principalmente do sacerdote, dos Pais e Mães de *Òrisà*, dos afro-descendentes *Yorùbá*, *ewe-fon*, *bantu* (15).

O próprio autor situa sua obra no campo sacro, quando relata, na página 16, ainda no prefácio:

“Minha iniciação como *Bàbáláwo* na cidade de Keto, hoje na República do Benin, África Ocidental, em 1953, facilitou e oficializou minhas pesquisas, mesmo porque tomar conhecimento do uso das plantas para a preparação das receitas, remédios e ‘trabalhos’ tradicionais constituíram para mim não somente um direito, mas uma obrigação. As plantas eram-me entregues por meus confrades *Bàbáláwo* acompanhadas de seus nomes iorubás e de frases curtas chamadas *ofò*, as quais enunciam, em termos muitas vezes poéticos, suas qualidades”.

Nosso Pai adotivo, o *Bàbáláwo Olarimiwa Epega* (cujo pai, *Onadele Epega* é muitas vezes citado por *Fatumbi* em seu livro *Orixás*), ensinava que, aquilo que um *Sacerdote Ifá* aprende no uso de suas prerrogativas de *Oluwo* (16) ou *Bàbáláwo*, deve ser desta mesma forma ensinado. Aos discípulos ou iguais, dentro de ritos sacerdotais, ou de forma leiga, em livros, mas sempre de modo completo, sem deixar dúvidas, para que o ensinamento possa ser utilizado totalmente.

Então surge uma dúvida maior: *Fatumbi* escreveu *Ewé* como *Bàbáláwo*?

Sim! Um *Bàbáláwo* é um sacerdote *Ifá* 24 horas por dia. Ele não despe seu cargo, à noite, junto com a roupa. Ele não abandona o *Ifá* ao largar o *Opa Saworo* (17) na sua porta. Tudo que faz, tudo que ensina, tudo que fala, é um reflexo do *Òrúnmilá* que existe nele. E *Fatumbi* cita os *Odú Ifá*, os *Itan Ifá*, os nomes de louvação dos *Odú* não como ensinamento acadêmico permeado pelo sagrado, e sim

como a palavra de *Òrúnmilá* aos discípulos, neófitos, e até mesmo aos leigos.

Porém, como *Bàbáláwo*, caberia, também, a ele ensinar que *Òrúnmilá* envia um *Odú* durante uma consulta, em resposta a uma pergunta específica, e esta resposta tem uma utilização imediata. Toda consulta *Ifá* pressupõe um *Ebo Etutu* (18) o uso de *oògùn* (19) ou de outros tipos de *Ebo*. O *Bàbáláwo Epega* dizia: “*Odú* muda todo dia, toda hora”.

O consulente tem quatro dias para fazer a oferenda recomendada, tomar o remédio, utilizar a magia. Este é um prazo mágico, o *Ose* (20), quando ainda estão válidas as previsões de *Ifá*.

Nada pode faltar no *Ebo*, elemento algum, folha alguma, *ofò* (21) nenhum pode deixar de ser dito ou utilizado no *oògùn*.

O *Ebo*, pode ser feito, às vezes pela própria pessoa, mas *oògùn* enviado por *Ifá* é prerrogativa de *Oluwo* ou *Bàbáláwo*, que saberão utilizar o *ofò* corretamente, e então desencadear a magia que fará o *oògùn* funcionar. O mesmo se aplica ao remédio. Remédio que não tem a folha certa e a palavra certa não funciona.

É preocupante verificar que houve esta falta de explicação em um livro que traz ensinamentos de *Ifá*. Sem este acréscimo, *Ewé* poderá ser considerado uma sofisticada edição afro-brasileira do *Livro de São Cipriano* – e, o que é pior, mais perigoso!

E mesmo que nos seja dito que é tão-somente um apanhado de receitas e frases, que visa mostrar a cultura e a poesia sagrada *Yorùbá*, a forma como a palavra é utilizada pelos *yorùbá* para obter fins mágicos, que não é livro de receitas para ser seguido por ninguém, leigo ou sacerdote, isso nos remete novamente à página 16 do livro e também às palavras do *Bàbáláwo Epega*, que tão-somente repete conceitos do *Ifá*: “O que se aprendeu via sagrado deve ser difundido de forma completa”.

Os *yorùbá* gostam muito de falar por provérbios. Existe um que diz: “Quem adquire mando e poder assume responsabilidades”. Dentro do poder do *Bàbáláwo*, sua responsabilidade é ensinar corretamente o sagrado. Ou explicar claramente que não é ensinamento, que não é para ser seguido ou feito. E por quê ! Em um país como o Brasil, onde os sacerdotes do *Ase* estão ávidos de

8 *Ogún*: *Òrisà* da agricultura, que se transformou em ferreiro quando deu ao homem o uso da forja. Hoje é reconhecido como *Òrisà* da tecnologia. *Oya*: *Òrisà* dos ventos e do rio Níger, na Nigéria. *Olokun*: *Òrisà* do mar profundo, dos oceanos. *Osun*: *Òrisà* da fecundidade feminina e do rio Osun em Osogbo, Nigéria. *Obátálá*: *Òrisà* que criou os homens. Rei das roupas brancas.

9 *Fluxo e refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos*, São Paulo, Currupio, 1987; Carlos Eugênio Marcondes Moura, *Grandeza e Decadência do Culto de Iyá mi Osòròngà (Minha Mãe Feiticeira) entre os Yorùbá e Iḥ as Senhoras do Pássaro da Noite*, São Paulo, Edusp, Axis Mundi, 1994, pp. 13-71.

10 *Òrisà* das plantas e dos vegetais.

11 Os *Yorùbá* crêem que no *Orún* se repousa e descansa, e no *Ilu Aiye* (Planeta Terra) se realiza, se vive plenamente. Por isso todos que vão para o *Orún* voltam ao *Aiye*. E se recitam bons desejos aos que se vão, para que voltem logo e façam uma boa escolha de vida e destino.

12 *Ewé* (folha), Verger, 1995.

13 Cargo na hierarquia sacerdotal do *Òrisà Osanyin* (“Pai que tem as folhas”).

14 *Odú Ifá* – resposta enviada durante a consulta ao *Oráculo Ifá*; conjunto de lendas e poesia oraculares.

15 Etnias africanas que vieram escravizadas para o Brasil. Aqui formaram a religião candomblé, que se divide em alguns segmentos principais: os *keto* – composto por seguidores de *Òrisà*, da região *yorùbá*; os *jeje* – composto por seguidores de *Vodún*, dos povos *ewe-fon*; os *angola* – composto por seguidores de *Inkise*, dos povos *bantu*.

16 Cargo na hierarquia sacerdotal de *Òrúnmilá*.

17 Bastão enfeitado de guizos que o *Bàbáláwo* utiliza ao caminhar entre as aldeias. É o símbolo do seu poder, e fica enterrado, em pé, junto à porta da casa onde reside ou se hospeda. Em frente a este bastão são colocadas oferendas de alimentos e dinheiro pelos clientes agradecidos. O *Opa Saworo* nunca deve cair ou ser tombado, para não perder *Ase*.

conhecimento, é de se pressupor que seguirão fielmente todo ensino que surgir, principalmente vindo de um *Bàbáláwo* conceituado como *Fatumbi*.

*Ewé* é um livro com várias faces. Podemos compará-lo a uma arma carregada. Nas mãos de um sacerdote competente, com sólida base de conhecimento do sagrado, será uma bênção de sabedoria e um acréscimo inestimável. Um presente de *Ifá*!

Nas mãos do sacerdote típico brasileiro, que conhece ligeiramente o *Ifá*, sem contudo entendê-lo, sem temer ofendê-lo por falta de competência sacerdotal, torna-se arriscado. É uma faca de dois gumes. Eventualmente ele pode acertar, e mais certamente irá errar.

E na mão daquele que mais procura o conhecimento sagrado, justamente por não dispor de base alguma, do que quer de qualquer maneira *ser, acertar, obter*, *Ewé* é um perigo! Que *Ifá* nos proteja! Há coisas que não devem ser sequer ditas, quanto mais escritas. *Oògún Àbílù* (22) nas mãos de um *Bàbáláwo*, que tem um pacto com *Ifá*, que fez um juramento a *Òrúnmílá*, é utilizado de modo sóbrio e só quando necessário. Como bem disse *Fatumbi*, o que é *Àbílù* para alguns, é *Àwùre* (23) para outros.

Mas *Oògún Àbílù*, nas mãos do feiticeiro, do “Pai-de-santo” que não conhece caminhos, que não tem obrigações com *Ifá*, que não teme ofender *Òrisà*, que visa tão-somente seu conforto e seu dinheiro, que deseja unicamente agradar seu cliente, nas mãos deste é uma arma carregada e perigosa. Possa *Òrúnmílá* nos ajudar!

Separamos duas receitas para serem discutidas, sem pretensão à análise profunda. Vejamos como *Fatumbi* coloca os *oògún* aos leitores. As receitas foram escolhidas de forma aleatória.

*Fatumbi*, em *Ewé*, ensina o que fazer frente as mais diversas situações, desde “Trabalho para Ter Boa Memória” (pp. 374-5 – *Oògún Ìsòyè*, do *Odú Ìrosùn Òfún*), até “Receita para Tratar Cegueira” (pp. 220-1 – *Oògún Ojú Fífó* do *Odú Òfún Meji*).

Só que esquece de explicar que este *Oògún Ìsòyè* só terá valor se for utilizado como complementação do *Ebo Etutu* indicado por *Ifá* para o consulente, a quem *Òrúnmílá* en-

viou o *Odú Ìrosùn Òfún*. E tem que ser feito de forma completa, um pouco dificultada neste caso, em que se indica *Ewé Arán* (*pleiocarpa pychantha* – *Apocynaceae*), e não se ensina seu correspondente em português.

E, traduzindo *Odidi ataare kan*, por “fruto inteiro” – *Aframomum Melegueta*, *Zingiberaceae* (amomo) – não explicita que *ataare* é tão-somente o atare, pimenta-da-costa, que se adquire em qualquer loja de ervas, estas onde se compram artigos das religiões umbanda e candomblé.

Em seguida, nos ensina a queimar tudo e desenhar o *Odú* na preparação.

Quantos brasileiros conhecem os riscos dos *Odú* de *Ifá* (24)? E, especificamente, do *Odú Ìrosùn Òfún*? Talvez estes riscos devam constar de um glossário à parte, e a um *Bàbáláwo* transmitindo conhecimento.

E no *Oògún Ojú Fífó*, das páginas 220 e 221, a folha *òwálé* (*Oxyanthus Subpunctatus Rubiaceae*) e a folha e a raiz de *Ìranjé* (*Securinega Virosa* – *Euphorbiaceae*) não recebem também denominações brasileiras.

E como temos que desenhar o *Odú Òfún Meji* na preparação, depois de secá-lo ao sol e antes de tomá-lo com água fria, se formos consultar o *Ifá*, e recebermos esta receita, decerto continuaremos cegos.

E notamos também outras plantas com traduções e denominações falhas. Nas páginas 74 e 82, o fruto de *aiidam* (*Tetrapleura Tetraptera* – *Leguminosae Mimoisoideae*) não tem nome brasileiro. Mas é tão-somente a fava de aridam, conhecidíssima no candomblé e mesmo na umbanda.

Aridam é citada em Barros (1993).

E novamente na página 70, *ewé Ojú Ológbò* (*Abrus precatorius* – *Leguminosae Papilionoideae*) não tem tradução. E é *Ówérénjèjé*, a *ewé ase*, folha e semente conhecidíssimas no Brasil, o olho-de-pombo miúdo, o jequiriti, citado em Barros (1993).

Este é o *ofo* de *Ówérénjèjé*:

“*Ówérénjèjé, Ówérénjèjé*

*Ka kan ma b’òrìsà*

*Ìbà ni bàbà*

*Ìbà ni yèyè*

*Máa so kú arò*

*A fí ipa nla d’àseto*

18 *Ebó* é oferenda, sacrifício, presente, enviados pelos homens aos *Òrisà*. *Ebo Etutu*: oferenda que esfria e refresca (lembrar que a África é muito quente, e tudo que refresca é bem-vindo por lá), recomendando por *Òrúnmílá* a seus consulentes.

19 *Oògún*: preparado feito por um *Bàbáláwo* a mando de *Ifá*, através de um *Odú*. Há *oògún* que são remédios, ou magias, ou defesas. São bons ou maus, dependendo do contexto. Entre duas vontades opostas, o que faz bem a uma parte fatalmente será ruim para a outra.

20 Ose é semana em *yorùbá*. Diferente da semana ocidental de sete dias, ela tem quatro: 1) *Ojo Awo* – dia do segredo, quando se cultua *Esu, Ifá, Osanyin* e os *Òrisà* femininos (*Oya, Osun, Yemoja, Oba, Iyewá*); 2) *Ojo Isegun* – dia da conquista, dedicado aos *Olode* – deuses de caça – *Ogún, Osose, Erinle, Oloogunedé*. E à família de *Ananburuku* – *Omolu* e *Osumare*; 3) *Ojo Jakuta* – dia de se atirar pedras, é para cultuar *Sàngó* e seus irmãos *Dada Ajaka, Baiyani, Aírà*, e o povo de *Oyo* em geral; 4) *Ojo Aiku* – dia que não se morre, dedicado à *Obátálá, Osagiyán, Egbe* e todos os *Òrisà Funfun* (*Òrisà* que participaram da criação do mundo e que vestem branco).

21 *Ofo*: palavras mágicas que completam um *Ebo*. É o poder e a força do que sai da boca. A tradição de *Òrisà* é uma religião de tradição oral.

22 *Oògún Àbílù*: magia maléfica; ensino do *Ifá*.

23 *Oògún Àwùre*: magia benéfica; ensino do *Ifá*.

24 Os *Bàbáláwo* têm rico equipamento. Em uma bandeja entalhada, *Opon Ifá*, o sacerdote, espalha um pó vegetal amarelo chamado *Iyerosun* (*Baphia Nitida Lodd.*, *Leguminosae Papilionoideae*) e nele riscas os desenhos específicos de cada *Odú*. São dois grupos verticais, com quatro subgrupos de um ou dois riscos cada, que determinam quais dos *Odú Òrúnmílá* enviou a seu consulente.

*Omo Obàtálá*  
*Bàbáyé Oba alááyé”.*

“*Ówérénjèjè, Ówérénjèjè*  
Adoramos somente o *òrìsà*  
A bênção é do Pai  
A bênção é da Mãe  
Direi bom dia  
Àquele que usa grande força para ordenar  
Filho de *Obàtálá*  
Pai favor, Rei do Mundo”.

Esta é sempre a última folha cantada na *Sasayin* (25), e em qualque *Oro* (26) que leve folhas.

E a folha *Ojúoró* (*Pistia Stratíotes* – *Araceae*), chamada de flor-d’água, ou alface-d’água – citada constantemente (p. 23 e outras) –, é tão-somente a erva-de-santa-luzia, ou lentilha-d’água, como é conhecida no nordeste. Citada em Barros (1993) e em Cravo (1994).

E *Òsibàtá* (*Nymphaea Lotus L. Nymphaeaceae* – p. 23), chamada lótus (p. 701), é encontrada em Barros (p. 118) como nenúfar, golfo, bandeja-d’água (*Nymphaea Alba L. Nymphaeaceae*). E foi uma folha de golfo que nosso *Bàbáláwo* apanhou e nos indicou como sendo *Òsibàtá*, e foi erva-de-santa-luzia que nos foi ensinada como sendo *Ojúoró* – sem referência literária (isto é, tradição oral *Yorùbá!*).

E algo muito interessante e curioso se passa com *Ewé rínrín* (*Piperomia Pellucida* – *Piperaceae*), que recebe o nome de jabuti-membeca à p. 25. É conhecida em todo o Brasil, dentre o povo do *Ase*, como folha de ariri, e citada em Barros (1993) como alfavaquinha-de-cobra.

Pena que a maioria dos sacerdotes não conhece seu nome *yorùbá* ou sua denominação científica, para poder reconhecer o ariri com seu pomposo nome de jabuti-membeca.

*Orogbo* (*Gaarcínia Kola Heckel, Gutiferae*) também não é indicado simplesmente como *orobô*, muito conhecido no candomblé, como oferenda ao *Òrìsà Sàngó*.

Na parte de receitas de uso medicinal, que vai da página 100 até a página 269, temos 219 receitas de *oògún*, enviadas pelos mais variados *Odú Ifá*.

Fizemos um levantamento de quantas destas “receitas” estão completas, e dentre 219 achamos somente 12 com os nomes brasileiros das plantas. E, mesmo assim, é importante conhecer o “jargão” utilizado. Se não vejamos:

Receita nº 20 (p. 117) – “Receita para boa saúde”:

- Folha de *òdúndún* (*Kalanchoe Crenata* – *Crassulaceae*) – folha-da-costa (que na página 685 pode também ser conhecida por seu *Eru* (27), a folha-da-fortuna (milagre-de-são joaquim), mas não é citada como saião, mais fácil de identificar que a folha-da-costa, nome usado somente nos candomblés. (Então por que não identificar o jabuti-membeca também com o nome ariri, de uso tão-somente nos candomblés?);

- Folha de *Tètè* (*Amaranthus Hybridus* subespécie *Incurvatus* – *Amaranthaceae*) – cauda-de-raposa. Já nosso *Bàbáláwo* indicou-nos, para *ewé tètè*, uma das primeiras folhas que nasceram no *Ilu Aiye*, o caruru-de-porco, ou bredo (*Amaranthus Viridis* – *Amaranthaceae*), que é confirmado em Barros (p. 134);

- Folha *rínrín* (*Piperomia Pellucida* – *Piperaceae*) – jabuti-membeca (conhecida no candomblé como ariri ou alfavaquinha-de-cobra);

- Fruto de *Musa Sapientum* – bananeira;
- Uma pedra-de-fogo (mas não explica o que é pedra-de-fogo);
- Uma casca de ovo;
- Sobras de ferro de ferreiro.

Moer tudo junto, secar ao sol e moer novamente. Desenhar o *Odú* (mas não oferece o risco do *Odú*) pronunciando a encantação. Tomar à noite com *akasa* frio.

Encantação :

“O ferro nunca é tão pobre que não deixe sobras com o ferreiro.

A galinha põe seus ovos calmamente, a galinha os choca com calma.

A casca do ovo é sempre encontrada vazia  
*Òdúndún* nunca está doente, nem na estação chuvosa nem na seca.

*Rinrin* nunca está doente, nem na estação chuvosa nem na seca.

Fruto de banana nunca tem uma vida dura.

Pedra-de-fogo nunca provoca dor”.

25 *Sasayin*: conjunto de cantigas que liberam o poder das folhas. Também chamadas *Korin Ewé*.

26 Cerimônia religiosa, com ou sem sacrifício.

27 *Eru*: escravo, substituto. As folhas têm geralmente um “escravo”, outra folha, da mesma família ou não, com as mesmas propriedades fitolátricas ou mágicas, que as substituem numa hora de necessidade.

Lida com atenção a receita, uma das únicas completas, enviada pelo *Odú Òtúrá Òdí*, verificamos que ainda assim não é acessível ao público dos sacerdotes tradicionalistas brasileiros, aqueles que professam a tradição de *Òrìsà*, ou o candomblé *Ketu*, uma vez que *Òrúnmilá* é um *Òrìsà* nosso e o *Yorùbá* é o nosso dialeto, nossa língua mãe, nosso meio de nos comunicarmos com os *Òrìsà*. Cremos ser, então, o público-alvo de *Ewé*.

E o mesmo acontece em outras receitas, como a de nº 24 (pp. 118-9), para tratar inchações, que usa alumã – *Ewé ewúro* (*Vernonia Amigdalina* – *Compositae*), folha seca de fumo – *Ewé tábà* (*Nicotiana Tabacum* – *Solanaceae*) e *Orí* – limo-da-costa (*Butyrospermum Paradoxum* subespécie *Parkii* – *Sapotaceae*).

Esperamos que o sacerdote que precise utilizar o *oògún* enviado por *Odú Òfúnméjì* leia a frase sobre limo-da-costa em *Yorùbá* e conclua que é tão-somente *orí*, conhecida gordura vegetal, vendida com esse nome em qualquer loja de ervas. Porque apenas alguns escolhidos sabem que limo-da-costa ou manteiga de karite é o mesmo que *orí*.

Nas páginas 152 e 153, receita nº 66 – enviada pelo *Odú Ogbè Òyèkú* – “Receita para tratar úlceras em várias partes do corpo”, um dos ingredientes é *Èèrù*, identificado com *Xylopia Aetiopica* – *Annonaceae* – pimenta-da-guiné.

E também não se explica que *Èèrù* é o simples *Bejerekun*, presença obrigatória em todas as preparações *yorùbá*, utilíssimo em pós e usado para dores de barriga de nossos bebês. Raros são os que conhecem *Bejerekun* por *Èèrù* ou pimenta-da-guiné.

Completas estão também as receitas de nº 79 (pp. 160-1), nº 85 (pp. 164-5), nº 87 (pp. 166-7), nº 108 (pp. 182-3), nº 129 (pp. 196-7), nº 155 (pp. 214-5), nº 170 (pp. 224-5), nº 187 (pp. 236-7), nº 216 (pp. 264-5).

Mas, em muitas, o sacerdote terá que descobrir que limo-da-costa é *orí*, que pimenta-da-guiné é *Bejerekun*, que jabuti-membeca é *ariri*, que amomo é *atare*, que flor-d’água é erva-de-santa-luzia.

E terá também que ser um *expert* em riscar os *Odú Ifá*.

Não pretendemos fazer uma crítica folha por folha, página por página, capítulo por

capítulo. Ninguém nos nomeou advogados ou peritos para isso. Queremos tão-somente lamentar que um livro deste porte, com este potencial maravilhoso, que traz muito do que *Ifá* fala sobre plantas, tenha vácuos tão grandes, falhas tão extensas.

E novamente surgem as questões.

Se não é dirigido aos sacerdotes *yorùbá* descendentes, por que tantos detalhes religiosos? E a utilização de certa nomenclatura, como a citada folha-da-costa (p. 117), pouco conhecida fora dos candomblés?

Se é para ser lido e muito apreciado pelos sacerdotes, por que não acrescentar o essencial, como os riscos dos *Odú Ifá* mencionados, a denominação menos rígida das folhas, como o *ariri* (usual nos candomblés), o *atare*, o *bejerekun*, o *orí*, e tantas outras?

Seria interessante também citar alguns autores e títulos, dentro especificamente da botânica, que pudessem nos ajudar a localizar folhas citadas somente por seu nome *Yorùbá* e científico.

São pouquíssimos, quase raros, os sacerdotes brasileiros que tenham conhecimento de botânica, ao contrário dos *Bàbálosayin Yorùbá*, sábios herbalistas.

O próprio *Fatumbi*, que começa seu livro colocando-o num contexto sagrado, explican-

Estilização  
do machado  
de Xangô,  
por Carybé



do como obteve suas informações de uma forma religiosa, como tal deveria divulgá-las. E levando em conta que o culto de *Osanyin*, que na África é professado por sacerdotes de *Ifá* e herbalistas, aqui no Brasil é tão-somente mais um dos deveres do Pai ou Mãe de *Òrisà*. Foi incluído em seu dia-a-dia, por falta de opção do sacerdote brasileiro. Qual o templo de *Òrisà*, qual o terreiro de *candomblé* que tem um *Olosayin*, um *Bàbálosayin* que cumpra rigorosamente suas funções? São parques e pouco difundidos os conhecimentos sobre *Ewé* no Brasil.

E é por isso que este livro foi tão ansiosamente aguardado. Conhecimento, Sabedoria, *Ase*! Como precisamos disso!

Da mesma forma os *Odú Ifá*, os riscos, os *ofô* que *Ifá* nos envia.

Nos templos de *Òrisà* no Brasil, qual o Pai ou a Mãe no *Òrisà* que tem um *Bàbáláwo* ou um *Oluwo* presente e atuante ?

E mais um cargo da hierarquia sacerdotal é acoplado ao cotidiano do Pai e Mãe. Não por escolha nossa, pelo desejo de concentrar o poder, de não dividir o *Ase*. Mas justamente pela falta de conhecimento, pelo fracionamento do saber. Há poucos anos se ouve falar em *Ifá*, *Òrúnmilà*, *Odú*, *Itan*. Somos um povo de tradição oral, pesada herança recebida dos ancestrais. Não temos mestres!

Quem sabe *Òrúnmilà*, *Eleri Ipin* (28), envia suas respostas as nossas perguntas ao oráculo sagrado através de *Odú*?

Que são 16 *Odú* principais – quando se repetem, ou 240 intermediários – quando se combinam?

Que cada *Odú* é um conjunto de poesias, e se compõe de 8 *Ese* (29)?

Que cada *Ese* se compõe de 1.680 *Itan*, ou versículos de quatro linhas?

E que um *Bàbáláwo* ou *Oluwo* recita todo o *Oráculo Ifá* de cor, cantando, e que gasta neste aprendizado pelo menos 14 anos de sua vida? E continua aprendendo até a morte?

Nosso *Bàbáláwo Epega* faleceu aos 88 anos, em 1988, dizendo: “*Mo nko Ifá*” (“Estou aprendendo *Ifá*”).

E, filho, neto, bisneto de *Bàbáláwo*, já era a 5ª geração da família *Epega* a estudar e pregar o *Ifá*, estudando o oráculo sagrado desde o berço (30).

O sacerdote brasileiro não tem este conhecimento. Nem dispõe de mestre para aprender. Então substitui valentemente o conhecimento pela intuição. Errado? Que *Òrúnmilà* julgue!

Oh! *Fatumbi*, você que lançou um livro tão aguardado, tão esperado, tão ansiado, e viajou sem passagem de volta ao *Orún* ancestral!

E antes que nossos telefonemas, nossas cartas, nossos artigos, nossas perguntas o alcançassem ! Antes de desfazer nossas dúvidas!

E fica a pergunta final:

– Quem é seu herdeiro, *Fatumbi*? Não o herdeiro físico do acervo de Pierre Verger, o pesquisador. Não o herdeiro do *Oyè* (31) de *Oju Oba*, os olhos de *Sàngó*. Para isso o *Ase Opo Afonja*, de luto por tão grande perda, tem um *Otun* e um *Osi* (32). Não o herdeiro do *Opa Saworo do Bàbáláwo*. *Òrúnmilà* saberá indicar o caminho, mostrar qual o discípulo mais sábio e mais próximo do mestre. Mas o herdeiro de *Ìmoran* (33), Conhecimento, de *Ìmòye* (34), Sabedoria que todo este navegar entre Brasil e o mundo lhe outorgou.

E que venha o herdeiro, e nos tire as dúvidas que ficaram.

No *Odú Ogbeyonu*, *Òrúnmilà* nos diz :

“Ele que é sábio

Foi feito sábio pelo seu *Orí*

Ele que não é sábio

Foi feito mais tolo que um pedaço de inhamo pelo seu *Orí*” (35).

Oh! Você, *Fatumbi*, feito sábio pelo seu *Orí*, não nos falte agora. Envie a nós, seus discípulos, o seu *Otun*, o seu braço direito, e continue a viver entre o *Povo do Ase*!

Oh ! Pierre *Fatumbi* Verger, você que nasceu em uma terra fria, e foi à África, ao Brasil e a todo mundo buscando o calor do sol e do conhecimento.

Você que viveu entre sábios, que aprendeu profundamente o *Ifá*.

Você que teve muitos amigos e muitos discípulos.

Você que falava muitas línguas e todas elas entendia.

Você que viveu muitos anos, como o elefante e a tartaruga.

Você que recebeu cargos e honrarias de

28 Testemunha do destino. Cargo dado a *Òrúnmilà* por *Olodumare*, o *Òrisà* que criou *Ilu Aiye*. *Òrúnmilà* estaria presente quando o homem fizesse sua escolha de *Orí*, destino que cada ser humano escolhe ao vir para *Ilu Aiye*.

29 *Ese*: pés; são os caminhos, os capítulos em que se dividem os *Odú Ifá*.

30 A família *Epega*, originária de *Ijebu* – Ode Nigéria – é conhecida por estar há seis gerações à frente do *Imole Oluwa Institute*, em Lagos, Nigéria, que se propõe a ensinar o *Ifá* e publicar livros religiosos para o ensino do *Ifá*. O ramo *Epega*, no Brasil, nasceu no *Ile Leuiwato*, em Guararema, São Paulo, que abriga a 6ª e a 7ª geração da família *Epega*, cultuadores de *Ifá*.

31 *Oye*: cargo, posição social ou sacerdotal, honraria, *status*.

32 *Otun* e *Osi*: toda pessoa que tem importância na vida social ou religiosa *yorùbá* é assessorada por um *Otun Oye*, a mão direita do detentor do cargo, seu auxiliar direito. E o *Osi* é sua mão esquerda, seu segundo auxiliar.

33 *Ìmoran*: conhecimento, conselho.

34 *Ìmòye*: sabedoria, sapiência.

35 *Orí*: cabeça, força vital, aquela parte imortal que existe em cada ser humano. *Orí* também é o destino que cada homem escolhe ao vir do *Orún* para o *Ilu Aiye*.

muitos reinos e muitas terras.

Você, que sem o estudo formal recebeu o título doutor em uma Universidade.

Você que era amigo de *Sàngó*, de *Esú* e de *Ifá*, e contava seus feitos.

Você que deu cidadania e dignidade ao povo negro com seus escritos.

Você, que docemente foi levado por *Iku*, a morte, para o *Orún*.

Você, que foi lavado com o sabão mais puro, untado com o melhor *orí*, perfumado com o mais fino perfume, vestido com a

melhor roupa, colocado em uma caixa de madeira que o levará para a Terra, de onde você veio, e para onde voltará, através de *Obaluaiye*. Que *Oya* o leve ao *Orún*!

Que você vá e volte.

E escolha novamente ser sábio, ser paciente, ser bonito, ser sadio, ter vida longa, realizar, ser competente, ter dinheiro.

Vá e volte, *Fatumbi*, que um pedaço dos nossos corações vai com você!

*A juba, Bàbá!*

Nós o Louvamos, Pai! (36).

## BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande. *Ifá, An Exposition of Ifá – Literary Corpus*. Ibadan, Oxford University Press Nigéria, 1976.

———. *Sixteen Great Poems of Ifá*. Unesco and Abimbola, 1975.

———. *Yorùbá Oral Tradition*. Ile Ife, Nigéria, Wande Abimbola, 1975.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *O Segredo das Folhas*. Rio de Janeiro, Pallas, UERJ, 1993.

BASCOM, William. *Ifá Divination*. USA, Indiana University Press, 1969.

———. *The Yorùbá of South Western Nigéria*. Illinois, Waveland Press, 1969.

———. *Sixteen Cowries*. USA, Indiana University Press, 1980.

CABRERA, Lydia. *La Medicina Popular de Cuba*. Miami, Ultra Graphics Corporation, 1984.

———. *El Monte*. Miami, Lydia Cabrera, 1986.

CAMARGO, Maria Tereza Lemos de Arruda. *Medicina Popular*. São Paulo, Almed, 1985.

———. *Plantas Mediciniais e de Rituais Afro Brasileiros I*. São Paulo, Almed, 1988.

CAMPOS, José Maria (Clemente). *O Eterno Plantio*. São Paulo, Cultrix Pensamento, 1994.

CRAVO, Antonieta Barreira. *Frutas e Ervas que Curam*. São Paulo, Hemus, 1994.

CRUZ, G. L. *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1964.

DAWSON, Adele G. *O Poder das Ervas*. São Paulo, Círculo do Livro – Ed. Best Seller, 1991.

EPEGA, Afolabi. *Obi*. Lagos, Nigéria, Imole Oluwa Institute Publ., 1985.

———. *Ifá – The Ancient Wisdom*. New York, Imole Oluwa Institute Publ., 1987.

EPEGA, Afolabi e NEIMARK, Philip John. *The Sacred Ifá Oracle*. New York, Harper Collins, 1995.

EPEGA, Olarimiwa. *The Basis of Yorùbá Religion*. Lagos, Nigéria, Imole Oluwa Institute, 1983.

FATUNMBI, Awo Fáfá'lokun. *Ìwa Pele*. New York, Original Publications, 1991.

———. *Awo – Ifá and The Theology Of Orisha Divination*. New York, Original Publications, 1992.

———. *Ìbà 'se Òrìsà*. New York, Original Publications, 1994.

———. *Oriki Ifá*. California, Mimeo, 1993.

———. *Awo Yorùbá*. California, Mimeo, 1993.

———. *Ebo Ifá*. California, Mimeo, 1993.

———. *Obi Abata*. California, Mimeo, 1993.

———. *Merindilogun*. California, Mimeo, 1993.

———. *Orin Ifá*. California, Mimeo, 1993.

GUEVARA, Claudio e POLLAK-ELTZ, Angelina. *Enfermedades y Su Cura Con Hierbas*. Caracas, Consórcio de Ediciones Capriles, 1991.

IBIE, C. Osamaro. *IFISM – The Complete Work of Òrúnmílá*. Hong Kong, Bassey and Ibie Publish, 1986.

MOREIRA, Frederico. *As Plantas que Curam*. São Paulo, Hemus, 1985

MORGAN, René. *Enciclopédia das Ervas e Plantas Mediciniais*. São Paulo, Hemus, 1994.

PORTUGAL, Fernandes. *Ossayn – A Deusa das Folhas*, Rio de Janeiro, Eco , s.d.

SILVA, Ornato José da. *Ervas e Raízes Africanas*. Rio de Janeiro, Pallas, 1993.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Awon Ewé Osanyin*. Nigéria, Institute Of African Studies, University of Ifé, 1967.

———. *Orixás*. São Paulo, Currupio, 1981.

———. *Lendas Africanas dos Orixás*. São Paulo, Currupio, 1985.

———. *Ewé, O Uso das Plantas na Sociedade Iorubá*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

36 Nós, os *yorùbá*, consideramos que a morte é parte da vida, e que uma morte de pessoa sábia, idosa, que realizou em vida, e deixou descendentes físicos ou espirituais para louvarem a lembrança que restou de sua força vital, é bem aceita e festejada. Então, quando louvamos *Fatumbi* e *Ihe* desejamos breve regresso, isso não implica falta de sentimento ou desrespeito à sua memória. A louvação da morte está presente em todos os enterros e cerimônias mortuárias. Quanto mais importante o morto, maior a louvação.